



A INFLUÊNCIA DA MITOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS ATLÉTICAS NO ANTIGO EGITO

Resumo - É muito comum atribuir aos egípcios uma grande influência para a construção da civilização helênica, sem, contudo, levar em consideração os determinantes culturais específicos de cada um desses povos em suas origens. Utilizando-se do método de pesquisa histórica analítica associada à mitohermenêutica, podemos observar que o desenvolvimento de Hórus, na cosmogonia egípcia, exemplifica o profundo respeito que eles tinham com o ciclo morte-renascimento, que se estendia tanto para a vida econômica deles com o ritmo das cheias do rio Nilo, mas principalmente para a legitimação social da figura do Faraó. Ele era o único que possuía ligação com os deuses, sendo encarado como reencarnação de Hórus, o deus-vivo. Com isso, as práticas atléticas por eles desenvolvidas, tinham na maior parte das vezes um fim nelas mesmas, sendo predominantemente de caráter utilitário sem que houvesse qualquer forma de transcendência, esta que estava restrita somente ao faraó.

Palavras-chave: Egito antigo; Práticas atléticas; Mitologia.

THE INFLUENCE OF MYTHOLOGY ON THE DEVELOPMENT OF ATHLETIC PRACTICES IN ANCIENT EGYPT

Abstract - It is very common to attribute to the Egyptians a great influence for the construction of the Hellenic civilization, without, however, considering the specific cultural determinants of each of these peoples in their origins. Using the method of analytical history research associated with the mith-hermeneutics, we can observe that the development of Horus in the Egyptian cosmogony exemplifies their deep respect for the death-rebirth cycle, which extended both to their economic life through the rhythms of the Nile river floods, but mainly to the social legitimation of the figure of the Pharaoh. He was the only one who had a connection with the gods, being regarded as the reincarnation of Horus, the living god. As result, the athletic practices developed by them had, in most cases, an end in themselves, being predominantly of a utilitarian nature without any form of transcendence, which was restricted only to the pharaoh.

Keywords: Ancient Egypt; Athletic practices; Mythology.

LA INFLUENCIA DE LA MITOLOGÍA EN EL DESARROLLO DE LAS PRÁCTICAS ATLÉTICAS EN EL ANTIGUO EGIPTO

Resumen - Es muy común atribuir a los egipcios una gran influencia para la construcción de la civilización helénica, sin, sin embargo, tener en cuenta los determinantes culturales específicos de cada uno de esos pueblos en sus orígenes. Utilizando el método de investigación histórica analítica asociada a la mitohermenêutica, podemos observar que el desarrollo de Horus, en la cosmogonía egipcia, ejemplifica el profundo respeto que tenían con el ciclo muerte-renacimiento, que se extendía tanto hacia su vida económica a través del ritmo de las inundaciones del río Nilo, pero principalmente para la legitimación social de la figura del Faraón. Él era el único que tenía conexión con los dioses, siendo encarado como reencarnación de Horus, el dios vivo. Con eso, las prácticas atléticas por ellos desarrolladas, tenían en la mayoría de las veces un fin en ellas mismas, siendo predominante de carácter utilitario sin que hubiera alguna forma de trascendencia, ésta que estaba restringida solamente al faraón.

Palabras-clave: Egipto antiguo; Prácticas atléticas; Mitología.

*Raoni Perrucci Toledo
Machado*

*Departamento de
Educação Física*

*UFLA – Universidade
Federal de Lavras*

raoni@def.ufla.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v1n2.id16](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n2.id16)*

Introdução

Pouco se sabe sobre as origens e essências das práticas atléticas que eram realizadas no antigo Egito. Mesmo com evidências concretas que elas existiam, sua forma e essência são pouco exploradas pela literatura, e mesmo assim, é muito comum atribuir aos egípcios a influência e até mesmo as origens dos Jogos ou qualquer outra manifestação atlética, que ocorria na Grécia antiga^{1,2,3}. Mesmo que cronologicamente estas antigas civilizações se sobreponham, a simples contemporaneidade não contempla determinantes culturais de cada grupo social. Seus bens simbólicos são inerentes àqueles capazes de se apropriar de seus conteúdos, sentidos e significados, específicos de cada região.

As primeiras referências de ocupação de ilhas no mar Egeu datam de 3.500 a.C. Na mesma época, os povos do Egito também estavam se desenvolvendo, com a primeira dinastia tendo seu início por volta de 3.150 a.C⁴. Por este motivo, se aceitarmos que os helenos sofreram influência destes povos para o desenvolvimento de sua civilização, o mesmo poderia ser inferido em relação ao antigo Egito, contudo, poucas semelhanças podem ser vistas entre essas duas importantes civilizações do passado.

Desta forma, compreender os fundamentos culturais da antiga civilização egípcia se torna relevante para entendermos a forma como as práticas atléticas foram desenvolvidas, e se de fato podem ser explicadas como origens e influenciadoras das práticas atléticas que os gregos viriam a realizar. Para tanto, utilizaremos o método de pesquisa histórica analítica, buscando não nos preocupar com datas precisas, mas sim o entendimento do contexto histórico na qual está inserida, e associado a mitohermenêutica, buscando nas construções dos mitos, um reflexo da experiência humana. Não pretendemos aqui responder se estas aproximações estão certas ou erradas, mas sim, tentar compreender os processos que levaram os egípcios a terem um comportamento frente às práticas atléticas tão distintas, apesar da proximidade geográfica e temporal.

A formação do imaginário no antigo Egito

Existe uma grande dificuldade em interpretar os processos formativos do antigo Egito em virtude da ausência de um livro sagrado com informações padrão, assim como a existência de divergências entre grupos de deidades nos diversos povoados que viviam

ao longo do Nilo⁵. As evidências apontam que anteriormente a 3.000 a.C. existia um cuidado com o sepultamento⁶, podendo indicar crenças funerárias. Estes, por sua vez, são a prova mais contundente da existência de ideias religiosas incrustada no imaginário daquele povo, mas, ao mesmo tempo, estas atitudes de enfrentamento da morte não nos ensinam nada sobre as práticas religiosas do cotidiano dos vivos⁷. Outro fator de dificuldade é que existiam muitos e diferentes povos no antigo Vale do Nilo, e como ainda estavam pouco desenvolvidos eram incapazes de chegar às explicações lógicas para os mistérios da existência, tendo focos de pensamentos distintos. Porém, com o tempo, estas ideias foram se juntando, estruturando e dando forma à complexa e grandiosa família dos deuses egípcios. As constantes preocupações em serem fieis à sua forma original, mesmo com constantes mudanças principalmente políticas, fez com que durante os seus mais de três mil anos de história sua cultura permanecesse estável, fazendo com que eles sempre tivessem de forma bastante vivida a noção de quem eles eram. Por isso, a aproximação de sua cosmo visão, juntamente com seus conceitos intelectuais pode nos ajudar a melhor compreender a sua cultura⁴.

A volta à origem do mundo, ao início, é fundamental para quem deseja estabelecer as prioridades de um sistema específico de qualquer religião, que procura descrever uma realidade fora do alcance físico do ser humano^{8,9}. No Egito, isso não se deu de forma diferente.

Para os egípcios, a mitologia não era uma coleção de textos, mas sim uma linguagem, o que se torna fundamental para explicar porque as ações dos deuses podiam ser alteradas, expandidas e mesmo reaparecer com outros protagonistas sem inconsistências aparentes. O mito, de certa maneira, é antes do aparecimento da filosofia grega, a única maneira de exprimir ideias sobre o cosmos ou sobre necessidades da alma humana^{4,10}.

Para Araujo¹¹ (p. 42)

As inscrições e imagens históricas do Egito Antigo não narram eventos reais, em vez disso, proporcionam o ingresso em um mundo solene e ritualístico que não contém elementos de sorte e acaso. Os egípcios não possuíam historiografia como a conhecemos, nenhuma narrativa do passado.

Em sua visão, o passado só interessava na medida em que era também o presente e poderia ser o futuro.

Como veremos, muitas das histórias míticas se sobrepõem com base no denominado princípio da intertextualidade, que o mesmo autor o define como “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto (p. 40)¹¹.”

Os deuses egípcios foram criados a partir de um deus primordial, responsável inclusive pela sua própria criação⁶. Conforme os antigos habitantes do Vale do Nilo iam tomando maior conhecimento do mundo, a outros deuses iam sendo atribuídos estas múltiplas facetas, por isso, aos poucos foi sendo organizada uma grande sociedade dos deuses, com sua estrutura social bem parecida com a dos humanos e que foi muito bem documentada.

O princípio básico da cosmologia egípcia eram as águas primordiais, personificadas por Nu, (ou Nun), que é a entidade primitiva simbolizada por um oceano ilimitado de água inerte imersa em trevas^{10,12}. Representava o Caos, a “não existência” antes da criação, muito embora nunca tenha deixado de existir. Mesmo depois ela era tida como a fronteira do mundo exterior, existindo sempre o temor de que esta poderia romper o céu e inundar a terra. Das águas, veio Atun (ou Aton), o antigo deus Sol que mais tarde seria unido a Rá, e posteriormente em Heliópolis, “tomando seu falo em seus punhos”, e gerou os gêmeos Chu e Tefnut, que representavam, respectivamente, o ar e a umidade. Este ato de Atun nos mostra que dentro deste existe o protótipo de todas as forças cósmicas e dos seres divinos. Este casal deu origem à quarta geração divina, um outro casal, que representava a terra e o céu, denominados respectivamente de Geb e Nut, que por fim, deram origem à quinta geração divina, a mais representada através das histórias, consistida por Isis, Osíris, Seth e Neftis, com os dois primeiros gerando Hórus, talvez o mais representativo de todos os deuses para a estrutura social egípcia.

Pela cosmogonia Menfita, Atun passou a ser o progenitor do casal primordial Chu e Tefnut, aparecendo Ptah como o portador do supremo poder^{10,12}. No Livro dos Mortos e em alguns documentos da era de Ramsés (por volta de 1.290 a.C.), existia referências a Ptah como sendo responsável pela criação de deuses, do Sol, do amadurecimento dos vegetais e dos próprios homens, através da argila¹². Ele deu vida

aos deuses mais antigos por meio de seu coração e língua, sendo sua presença sentida através destes, pois tudo o que se sente vai para o coração, e então é externado pela língua. Foi provavelmente da tentativa de se pensar sobre a natureza de Ptah que surgiu a cosmogonia Menfita, como podemos ver na Pedra de Shabaka, cujo nome é em homenagem ao Faraó que teria ordenado a transcrição do texto que estava em um papiro em avançado estado de deterioração, para uma pedra de granito, se conservando em bom estado até a atualidade, podendo ser vista no *British Museum* de Londres.

Já no mito de criação de Hermópolis, Amon era uma das forças elementares. Cada deus era uma imagem projetada de Amon, e três deuses em particular formavam sua unidade – Rá era sua face, Ptah seu corpo, e o próprio Amon sua identidade oculta. Essa aparente confusão na mitologia egípcia se deu pelas diferenças regionais na nomenclatura de alguns princípios, que na essência, eram os mesmos^{4,13}. A aparente “unificação” dos deuses – Amon, Rá, Ptah – fez com que os povos se tornassem, de certa maneira, iguais. Para isso, os antigos textos eram, então, “corrigidos”, mas sem enfraquecer seu tom vigoroso original. Os seus próprios deuses eram frequentemente vistos nos textos dos estrangeiros, pois apesar da diferença de nome, eles sabiam que o mesmo princípio supremo reinava sobre todas as nações, como, por exemplo, Amon-Zeus-Jupiter, Isis-Afrodite-Venus, Hórus-Apolo e Ártemis-Bastit se reconhecem como irmãos e se confundem.

Voltando a cosmogonia de Menfis, Ptah/Rá/Atun, os senhores originais retiraram-se para além da criação. A cronologia se segue com estes transmitindo seu poder a Chu que por sua vez transmitiu-o para Geb, a terra. Este passou o trono para seu herdeiro Osíris, que governou o Egito em uma época de prosperidade, ensinando técnicas de agricultura e domesticação de animais aos homens, mas logo foi assassinado por seu irmão Seth, representante das forças do Caos e temporariamente se tornou o senhor do Egito. A Osíris coube governar no mundo dos mortos. Após ser assassinado, suas irmãs – Isis, que também era sua esposa, e Neftis, esposa de Seth – partiram em busca de seu corpo e após encontrá-lo, conseguiram através da magia por um breve período revivê-lo, porém, tempo suficiente para que Isis engravidasse deste, dando à luz posteriormente a Hórus, o deus Falcão, legítimo sucessor do trono egípcio, que o conquistou não sem antes disputá-lo longamente com Seth, como consta em uma

história denominada de “A contenda entre Seth e Hórus”, gravada no Papiro Chester Beatty I, do século XII a.C., de autoria desconhecida¹¹.

O ciclo Morte-Renascimento

Os antigos egípcios viam a morte como algo terrível e construíram um mecanismo de defesa baseado principalmente nesta passagem da história de Osíris que, conseqüentemente, fundamentou o pensamento imaginário daquela sociedade¹⁴. Não era seu governo terreno que tinha o maior significado, mas sim, o milagre de sua ressurreição, oferecendo a esperança de continuidade da existência no mundo inferior¹². Sua ideia surge aproximadamente entre 3.000 e 2.400 a.C. e foi a mais vivida e mais complexa realização do imaginário egípcio¹⁰. Ele foi o símbolo do sofredor com sua morte, mas ao mesmo tempo é todo o poder de renascimento e fertilidade do mundo; é o poder germinativo das plantas e da reprodução dos animais e seres humanos. É juntamente a morte e a fonte de toda a vida; é a representação cósmica do ciclo entre morte renascimento. Era exatamente essa a simbolização do Faraó, que sendo o criador, oculto, onisciente, previdente, compreensivo e justo, era a imagem do deus neste mundo e, por isso, trazia esperança de renovação do mundo, incorporava o passado, realizava novos feitos e gerava exposições idealizadoras de como o mundo deve ser¹⁰.

Na teologia tebana, o deus Cnum tem um pouco dessa representação, pois é o único que possui ligação com os seres humanos. Ele é o símbolo da fertilidade do mundo natural, sendo associado a um deus das cataratas, que alimenta o rio Nilo, de fundamental importância para aquela sociedade. Da mesma forma o escaravelho se tornou um animal-símbolo bastante representativo para os antigos egípcios por representar esse ciclo de continuidade, pois a fêmea escaravelho bota seu ovo em suas fezes, depositando-o em uma cavidade preparada para isso e depois a recobre de terra¹³. Por acreditar na existência apenas de escaravelhos machos, esse ovo que se fecundava representava o nascimento de outro macho, sendo uma espécie de prolongamento de sua própria existência, tal como a alma que escapa da múmia, alcançando o céu ou o Sol, que renasce a cada dia.

No que se refere a este conflito entre valores matriarcais e patriarcais, o antigo Egito é um caso a parte. Mesmo que tivessem possuídos muitos deuses centrais em virtude da constante troca de poderes entre os diversos povos que habitavam as margens

do Nilo, nenhuma deusa chegou a este posto. Não existiu nenhuma personalidade feminina associada a criação, elas eram geralmente associadas ao amor e ao prazer, sendo as principais Hathor e Bastet. Por uma questão de ordem gramatical, a palavra céu sendo do gênero feminino, este era representado por uma deusa, Nut, enquanto sua oposição, a terra, por um deus, Geb¹⁵. Exemplo disso, podemos ver nas histórias contadas naquela época. Em uma história chamada “A separação das águas” (Papiro Berlim, início do Reino Novo) um Faraó que pede para que “tragam vinte mulheres belas de corpo, com seios firmes e que não tenham sido abertas pelo parto (p. 67)¹¹”, e que remem em seu lago particular com o intuito de o distrair, enquanto ele fica admirando seus belos corpos. Da mesma forma, na história dos “Dois irmãos” (Papiro d’Orbiney, Reino Novo) a mesma referência a um corpo belo é feita – “a mais bela de corpo que qualquer mulher em todo o país, pois a semente de cada deus nela estava (p. 88)¹¹”, mostrando que a busca por esse ideal possa ter existido naquela época. Talvez por isso a dança no antigo Egito fosse bastante valorizada, tanto como forma de lazer como em rituais e eram as mulheres que as executavam. Era corriqueiro que garotas com essa habilidade se tornassem uma espécie de profissionais, com seus serviços sendo prestados em banquetes e festas, contudo, nada nos resta de referências a treinos ou notas coreográficas¹⁶.

As características dos deuses egípcios, portanto, garantiam-lhes elementos de poder e fertilidade. Ser senhor do mundo dos mortos, ou senhor do subterrâneo, tornou Osíris o espírito do vir a ser. Para os egípcios, tudo na existência terrestre estava em função do “outro mundo”, como se fosse a eternidade da vida terrestre¹³. O subterrâneo podia ser um limo ou um inferno, mas também era fonte de vida nova. Quando o Sol se põe no horizonte, ilumina todas as formas que devem estar no mundo inferior, que pertencem ao passado ou até mesmo ao futuro. Como exercício de imaginação é uma jornada ao interior da mente e uma tentativa de penetração na realidade que subjaz a esse fenômeno. A tentação de povoar as trevas com os mortos atrai quase todas as culturas, haja vista as obras de Homero e Virgílio. Osíris podia ser tanto Hades enquanto senhor do mundo dos mortos, quanto Dionísio, na condição de libertador da alma humana^{10,17}.

As grandes construções egípcias foram exatamente a materialização dessa ordem de pensamento. Heródoto¹⁸ (II, 35, p. 205) em sua clássica obra introduz ao leitor sobre

sua passagem por este país, ao dizer: “Estender-me-ei mais no que concerne ao Egito, por encerrar ele mais maravilhas do que qualquer outro país; e não existe lugar onde se vejam tantas obras admiráveis, não havendo palavras que possam descrevê-las”.

Para alguns autores, a imagem cruel geralmente atribuída ao processo das construções se deve ao racionalismo greco-romano procurando a compreensão para os objetos, que no fundo foram erguidos pela fé, tal como as grandes catedrais da Idade Média, sendo o monumento eterno ao seu soberano¹³. Outra forma bastante peculiar que os povos da antiguidade tinham para manifestar sua relação com os poderes divinos eram os rituais transcendentais, muitas vezes realizados através das práticas atléticas, que no Egito, assim como tantas outras manifestações da vida, eram de alguma forma relacionadas à religião.

As práticas atléticas

A data de referência para o início dos jogos regulares na Grécia Antiga foi em 776 a.C., mas antes disso, o Egito já possuía mais de dois mil anos de história, nos quais possuiu um grande império que se desenvolveu, floresceu e teve seu declínio¹⁹. Assim como os gregos, os egípcios possuíam treinamentos para várias práticas atléticas, além de também fazer parte de rituais. Não existem, porém, evidências de que havia um sistema de educação pelo esporte como o conhecemos hoje, assim como pelas atividades atléticas, nem mesmo referências à palavra “esporte”. Todas as práticas eram direcionadas essencialmente para fins militares ou para dar uma maior condição atlética ao Faraó e para membros de famílias importantes. Dien²⁰ (p. 104) completa dizendo: “Nenhuma grande literatura a testemunhou, nenhum Pindaro a cantou, nenhum Policreto levou os atletas produzidos em sua escola de Educação Física ao lugar da eterna beleza, nenhum feito consagrado aos deuses, tal como nos Jogos Olímpicos”.

No entanto, Heródoto (II, 91) mais uma vez nos presta um serviço e faz a descrição de jogos atléticos em honra a Perseu, realizados na cidade de Quémis, mas que esta era a única em todo o Egito em que eles eram celebrados. O autor ainda aponta que os habitantes desta cidade acreditavam que de tempos em tempos o herói aparecia na região e lá deixava suas sandálias, o que significava sinal de prosperidade. Essa aparição nada mais era do que uma espécie de volta à casa, já que acreditavam que ele era natural daquela cidade e que quando ainda criança viajou para a Grécia. Voltou pela

primeira vez ao Egito para cortar a cabeça da Medusa, única mortal das três Górgonas, que estaria na Líbia, e quando passou por Quémis, já conhecia o nome da cidade por intermédio de sua mãe. Ordenou aos seus habitantes, que começassem a celebrar jogos gímnicos. Mas, isso era exceção e não podemos transferir essa realidade para todo o território egípcio.

Touny e Wenig¹⁹ fazem um bom levantamento das práticas atléticas no Egito Antigo, a começar pela Luta, cuja representação mais antiga vem do sarcófago de Ptah-Hotep, da 5ª Dinastia (cerca de 2.470-2.320 a.C.), que era a mais popular e provavelmente a mais treinada para fins militares. No sarcófago de Ramsés III (1.194 a 1.163 a.C.), encontra-se representado um evento de luta entre egípcios e estrangeiros, sendo interessante a ênfase na demonstração de sua superioridade, estão representadas também a figura do Faraó e de outras pessoas importantes. Além da luta, uma espécie de boxe, sem luvas de proteção também podem ser vistas, e existem bastantes representações de duelos de espadas, com figuras de lutas com uma ou duas espadas. Heródoto¹⁸ (II, 63), descreve uma luta não exatamente de espadas, mas de “bastonadas”, se tratando de um evento festivo em honra do deus da guerra, reconhecido como sendo Ares pelo historiador.

Não eram apenas as lutas que existiam como exercícios físicos, o tiro com arco também foi bastante praticado, sendo inclusive a representação hieroglífica de um soldado, tendo até competições descritas. Na história “Memórias de Sanchet”¹¹, podemos ver que a noção de treinamento e do exercício com determinada finalidade existia de forma bastante clara, em determinada parte da narrativa, o autor coloca que (p. 111): “Um campeão sem igual [...] disse que queria bater-se comigo [...]. Durante a noite retesei meu arco, atirei minhas flechas, pratiquei com meu punhal e poli minhas armas”.

Além da luta, uma das mais antigas formas de exercício físico praticado no Egito, outras atividades não militares, porém, utilitárias, eram também realizadas, como a natação, na qual um estilo bem parecido com o do nado crawl pode ser visto como também o remo e a corrida a pé, que inclusive possuía um evento oficial simbolizando a renovação do poder do Faraó. Nas tumbas do Antigo e Novo Império pode ser vista a representação de um jogo que era uma espécie de simbolização de um combate naval, no qual um indivíduo tenta subir no barco do outro ou derrubar seu adversário na água²¹.

Nos sarcófagos do Antigo Império, existiam muitas representações de crianças, predominantemente homens, fazendo exercícios ou brincando em algumas espécies de jogos, enquanto no Médio Império elas desaparecem, dando lugar aos jovens e mulheres. Voltando à tumba de Ptah-Hotep, podemos ver crianças realizando uma brincadeira onde o objetivo era saltar mais alto. As atividades atléticas desenvolvidas pelas mulheres tinham o objetivo de explorar suas possibilidades do corpo, como os exercícios gímnicos, por exemplo, como a realização de “pontes” e outros movimentos acrobáticos, que eram especialmente importantes, principalmente para as que possuíam alguma participação nos cultos e tinham que por ordem destes, realizar movimentos que chamassem a atenção. Além destes, foi representado também uma espécie de jogo com bolas, se assemelhando a uma espécie de malabarismo, ou simplesmente de arremesso e recepção. Para os homens, o levantamento de cargas pesadas era bem valorizado, representando sinal de virilidade, como podemos ver em diversas representações, e na história dos “Dois irmãos”¹¹, quando um homem se vangloria de estar levando “o peso de três sacos de cevada e dois de trigo (p. 84)”, totalizando aproximadamente 280 kg.

O Faraó

No antigo Egito, o ponto de ligação dos deuses com os humanos se dava através do Faraó, este era com frequência descrito como quem agia como um deus específico, ou como semelhante a uma divindade específica. Essa identidade passava a ser usada em associações a muitas divindades de maneira a ligar o Faraó ao panteão por inteiro. Havia, durante o Novo Império, um esforço consciente para igualar o rei com as forças do mundo divino. A grande literatura propagandista, que chamavam a atenção para os direitos de um Faraó ao trono, pode ser uma evidência implícita de que o povo não estava totalmente inconsciente da origem humana de seu soberano⁶. Eliade¹⁵ completa dizendo que o Faraó não conquistava seu poder através de uma prova heroica, mas, através de seu poder como chefe supremo. O autor acredita que isso era uma degeneração de um mito heroico-iniciático em um detrimento político-social.

O culto ao Faraó simbolizava a renovação da força criadora do mundo presente em seu momento original, e por isso, era certo ao morrer, o soberano era identificado com Osíris, o Rei dos mortos, e também a Rá, porém, alguns alcançavam tamanha popularidade que possuíam seus cultos separados, e passavam a desempenhar um papel

de intermediário entre o povo e as divindades²². O Rei, portanto, atuava nos dois mundos, ao contrário dos deuses, que estavam presos ao mundo divino, não aparecendo a não ser em representações. Os Reis tinham essa peculiaridade de ser um indivíduo divino agindo em meio à humanidade sem, no entanto, tornar-se um deus²³. Sempre houve essa reciprocidade entre eles, os Reis ao realizarem os cultos aos deuses e estes, em troca, lhes concediam sucesso e prosperidade. Os próprios rituais de iniciação indicavam essa ligação, o novo Rei era associado a Hórus depois da morte de seu pai (Osíris, e também Rá), na sucessão do mundo²⁴.

Resultado disso foi que como vimos, em todas as fases do desenvolvimento do Antigo Egito, e bem descrito por Cruz-Urbe²⁵, o Faraó ocupava uma posição central na dinâmica social, o que se refletia também no imaginário daquela sociedade, colocando-o da mesma forma em posição privilegiada de ligação do humano com o divino, o que fez com que as possibilidades de transcendência se focassem em sua figura, não dando espaço para a população geral. Exemplo disso e fazendo uma associação com as práticas atléticas, era que da mesma forma como alguns deuses eram representados segurando um arco na mão, assim o era o Faraó, podendo ser visto frequentemente em cima de um carro com o arco nas mãos. A caça esportiva, por esse motivo, era uma atividade estritamente elitista e bastante praticada, se caçavam predominantemente pássaros, mas não com arco e flecha, e sim com uma espécie de lança. Existia desde a antiguidade egípcia a caça ritualística do Hipopótamo, na qual o Faraó com um arpão partia sozinho à caça deste animal, que por representar o Caos, simbolizava o seu domínio pelo soberano¹⁹.

O início da dessacralização do poder do Faraó assim como a diminuição de sua autoridade durante o final do governo dos Ramsés, fez com que essa estrutura social perdesse força, sendo como consequência um dos principais fatores para a decadência da civilização egípcia⁴.

Considerações finais

Era essa a realidade que os minóicos encontravam quando realizavam encontros comerciais, políticos ou mesmo sociais com os egípcios. Possuíam inúmeras semelhanças entre si, como podemos observar na arquitetura, em afrescos e em objetos de cerâmica, apontando para uma substancial influência cultural para um povo que foi a

semente da civilização helênica. Jaguaribe⁴ aponta que na época da 12ª Dinastia egípcia, durante o Reino Médio, por volta 2.050 a 1.800 a.C. havia um intenso comércio entre eles com a emergente civilização cretense, que se prolongou durante o domínio dos Hicsos sobre o Egito entre 1.730 a 1.570 a.C. e depois se aproximando dos micênicos durante a reestruturação cultural egípcia durante o Reino Novo até aproximadamente 1.380 a.C. no reinado de Amenhotep IV.

Como a Ilha de Creta teve grande importância para a construção da cultura grega, se tornou, portanto, fundamental compreender a estrutura mitológica egípcia para poder melhor entender suas influências e associações, principalmente se somado ao fato de que o Egito teria sido o berço da sabedoria religiosa²⁶. Heródoto¹⁸ acreditava, sem nenhum problema em aceitá-lo, que os egípcios foram precursores da cultura helênica, não sendo à toa que dedicou o mais longo livro de sua História a este país que “encerra ele mais maravilhas do que qualquer outro país (p. 205)”. Para ele, não havia dúvida de que os egípcios foram os primeiros a regular a relação entre os homens e os deuses, e que a religião grega possuía origem egípcia.

A proximidade entre as ideias religiosas dos egípcios e dos gregos, embora provavelmente fossem sentidas por todos naquela época, foi marcada por Alexandre, o Grande, que após sua conquista do Egito decidiu construir uma cidade que abrigasse os dois tipos de rituais conjuntamente, nascendo assim, a cidade de Alexandria no norte do Egito, sendo berço de muitas inovações tecnológicas e casa da maior biblioteca do mundo antigo²⁷.

No que se refere às práticas atléticas, entretanto, foram notáveis as diferenças entre as duas, podendo ser explicadas principalmente pelas características sociais distintas de ambas, uma vez que no Egito a figura centralizadora do Faraó não abria espaço para que pessoas não pertencentes à realeza tivessem alguma espécie de atividade transcendente, quase o inverso do que acontecia na Grécia. No entanto, não há evidências de que as atividades físicas fossem exclusivas às classes mais altas; a existência de espécies de profissionais em determinadas atividades, indica que eles teriam um costume de assistir aos espetáculos dos especialistas, sem, contudo, existir referências a competições organizadas²¹.

*Iu-f pu nefer**

Referências

- 1 Cabral LAM. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. São Paulo: Odysseus; 2004.
- 2 Christopoulos GA. *The Olympic Games in Ancient Greece*. Athens: Ekdotike Athenon; 2003.
- 3 Godoy L. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. São Paulo: Nova Alexandria; 1996.
- 4 Jaguaribe H. Um estudo crítico da História (Vol. 1). São Paulo: Paz e Terra; 2002.
- 5 Baines J. Egyptian myth and discourse: Myth, gods, and the early written and iconography record. *J Near Eastern Stud*. 2007; 50(2): 81-105.
- 6 Silverman, D P. O divino e as divindades no Antigo Egito. In: Shafer BE, Organizador. *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria; 2002.
- 7 Lopez J. Mitología y religión egipcia. In: Lete GO, *Mitología y religión del oriente antiguo: Egipto y Mesopotamia*. Barcelona: AUSA; 1993.
- 8 Lesko LH. Cosmogonias e cosmologia no Egito Antigo. In: Shafer BE, Organizador. *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria; 2002.
- 9 Shafer BE. *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria; 2002.
- 10 Clark TB. *Símbolos e mitos do Antigo Egito*. São Paulo: Hemus; 2004.
- 11 Araujo E. *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; 2000.
- 12 Hart G. *Mitos egípcios*. São Paulo: Editora Moraes; 1992.
- 13 Lange K. *Pirâmides, esfinges e faraós*. Belo Horizonte: Itatiaia; 1964.
- 14 Assmann J. *Rites et au-delà de la mort*. Munich: C. H. Beck; 2001.
- 15 Eliade M. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes; 1998.
- 16 Watterson B. *Women in Ancient Egypt*. Gloucestershire: Wrens Park; 1998
- 17 Eliade M. *História das crenças e das idéias religiosas (Vol. 2)*. Rio de Janeiro: Zahar; 1983.
- 18 Herodoto. *História*. São Paulo: Ediouro; 2001.
- 19 Touny AD, Wenig S. *Sport in Ancient Egypt*. Leipzig: Edition Leipzig; 1969.
- 20 Dien C. *Historia de los deportes (Vol. 1)*. Barcelona: Luis de Caralt; 1966.
- 21 Gardiner EN. *Athletics of the Ancient World*. Oxford: Clarendon Press; 1971.
- 22 Eliade M. *História das crenças e das idéias religiosas (Vol. 1)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- 23 Kantorowicz EH. *Os dois corpos do rei*. São Paulo: Cia das Letras; 1998.
- 24 Baines J. Sociedade, moralidade e práticas religiosas. In: Shafer, BE. Organizador. *As religiões no Egito Antigo: deuses, mitos e rituais domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002
- 25 Cruz-Uribe E. A model for the political structure of the Ancient Egypt. In: Silverman DP. Editor. *For his Ka: Essays offered in memory of Klaus Baer*. Chicago: University of Chicago Press; 1994.

* Este (artigo) chegou bem ao fim.

26 Ricoeur P. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70; 1976.

27 Vrettos T. *Alexandria: a cidade do pensamento ocidental*. São Paulo: Odysseus; 2005.